

**LINGUÍSTICA POPULAR E ANÁLISE DO DISCURSO:  
POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS ENTRE LÍNGUAS E TEORIAS COM  
*GREENGO DICTIONARY***

**FOLK LINGUISTICS AND DISCOURSE ANALYSIS: DIALOGUES BETWEEN  
LANGUAGES AND THEORIES WITH *GREENGO DICTIONARY***

Priscila Aline Rodrigues Silva<sup>1</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso

**Resumo:** Se a língua é um bem comum, qualquer falante é capaz de refletir a respeito dela publicamente, sobretudo em um contexto tecnológico em que todas as vozes - inclusive a de não linguistas - são digitalmente amplificadas. Tais saberes profanos podem contribuir substancialmente para compreender e questionar a língua em uso, reconstruindo sentidos, desmontando ou disseminando ideologias e colocando os Estudos Linguísticos em diálogo direto com falantes reais e suas percepções sobre a língua. Essa premissa orienta o desenvolvimento deste artigo. A partir das abordagens da Linguística Popular investigamos a página do Instagram *Greengo Dictionary*, um léxico digital que se propõe a traduzir palavras e expressões culturais brasileiras para a língua inglesa. Assumindo uma postura integracionista entre a Linguística Popular e a Análise Dialógica do Discurso, buscamos compreender a interface do verbete com o meme, reconhecer posturas linguísticas decolonialistas, identificar as ideologias que sustentam as escolhas lexicais e refletir sobre os processos de carnavalização que autorizam a problematização dos discursos sociais em *Greengo Dictionary*. Para tanto, nos embasamos nas teorias de Marie-Anne Paveau (2018; 2019); Guy Achard Bayle (2019); Roberto Leiser Baronas, Tamires Bonani Conti (2019); Kanavillil Rajagopalan (2005) e no Círculo de Bakhtin (2018; 2011) e pesquisadores brasileiros, como José Luiz Fiorin, Norma Discini, Beth Brait (2006); Anderson Salvaterra Magalhães e Maria Elizabeth da Silva Queijo (2015). Esta pesquisa coloca em diálogo as vozes de linguistas profanos e especialistas, evidenciando as contribuições dos saberes *folk* para o campo dos estudos linguísticos.

**Palavras-chave:** Linguística Popular; Análise Dialógica do Discurso; *Greengo Dictionary*; Dialogismo; Carnavalização.

**Abstract:** If a language belongs to its speakers, anyone can reflect on it, especially when technology amplifies all the voices online – including the non-linguists ones. Such folk knowledge may contribute substantially to understanding and questioning the language in use, rebuilding its meanings, fading its ideologies away or spreading them and promoting a direct dialogue between Linguistic Studies and real speakers' perceptions of language. This study is based on these ideas. Supported by Folk Linguistics approaches, we intend to investigate the Instagram profile *Greengo Dictionary*, a digital lexicon which translates Brazilian words and expressions into English language. Integrating folk and linguistic knowledge, we aim to analyze discursively the perceptions of the graphic designer Matheus Diniz about his mother tongue and English Language through an integrative approach with Discourse Analysis. The research investigates the interface between this dictionary and memes, it recognizes a decolonialist perspective of translation, identifying its ideologies and Carnivalization processes. The discussion is based on the studies of Marie-Anne Paveau (2018; 2019); Guy Achard Bayle

---

<sup>1</sup> Pesquisadora da Universidade Federal de Mato Grosso. E mail: priscilaline.rs@gmail.com.

(2019); Roberto Leiser Baronas, Tamires Bonani Conti (2019); Kanavillil Rajagopalan (2005); Bakhtin Circle (2018; 2011) and its Brazilian facilitators, such as José Luiz Fiorin, Norma Discini, Beth Brait (2006); Anderson Salvaterra Magalhães and Maria Elizabeth da Silva Queijo (2015). This paper establishes a dialogue among folk linguists and language specialists, highlighting the contributions of folk knowledge to the Language Studies' field.

**Keywords:** Folk Linguistics; Dialogic Discourse Analysis; *Greengo Dictionary*; Dialogism; Carnivalization.

## Introdução

A língua sempre foi objeto da curiosidade humana. Dos gramáticos aos poetas, dos linguistas aos juristas, dos artistas até o mais ordinário dos sujeitos: todos já fizeram algum trocadilho, alguma descrição, comentário ou brincadeira sobre a língua. Alguns pensam-na em nível teórico, investigando e tecendo complexas teorias da linguagem. Outros, contudo, compartilham constatações baseadas na própria intuição e percepção, sem nenhum ou com pouco embasamento em teorias linguísticas. Nesse contexto de tecnologias sofisticadas, no entanto, todas as vozes, especializadas ou não, ganham possibilidade de amplificação. Na internet, observações de linguistas ou de comentaristas profanos sobre a língua(gem) são compartilhadas abertamente com um grande número de pessoas, esfacelando as diferenças entre estudiosos e curiosos.

Essa virada digital não altera apenas o suporte de divulgação de ideias, mas também as relações, os sujeitos e a forma como experienciam, compreendem, descrevem e explicam o objeto língua. Nesse sentido, é preciso adequar as teorias linguísticas para as novas realidades digitais. Logo, a *web* é um fenômeno importante para uma prática pós-linguística. Para Guy Achard-Bayle e Marie-Anne (2019, p. 4258), esse acontecimento contribui sobremaneira para a emergência de uma Linguística Popular ou *Folk*:

[O] aumento do nível de conhecimento dos indivíduos, sobretudo em razão do desenvolvimento das novas tecnologias, o aumento da disponibilização dos saberes nas publicações tradicionais ou eletrônicas, a expressiva difusão da informação em múltiplos suportes, especialmente os gratuitos. Todos esses fenômenos (que concernem, especialmente, aos países desenvolvidos) contribuem significativamente para o aumento dos saberes dos indivíduos e para um certo apagamento das diferenças entre profissionais do saber (que são os universitários, por exemplo) e os detentores profanos de saberes ou de saberes profanos (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2019, p. 4258).

Neste cenário de dissolução de autoridades, alguns metadiscursos sobre a língua viralizam e ganham uma dimensão *folk* que merece ser investigada. Tais saberes profanos podem contribuir substancialmente para compreender e questionar a língua em

uso, reconstruindo sentidos, desmontando ou disseminando ideologias e colocando os Estudos Linguísticos em diálogo direto com falantes reais e suas percepções sobre a língua.

Se a língua é um bem comum, a Linguística *Folk* devolve ao falante a sua posse, pois os discursos sobre a língua também pertencem a todos. Perceber como a emergência desses outros lugares não canônicos de fala é importante para a sociedade, sobretudo em um momento de ataque à democracia, pode contribuir para uma aproximação da Linguística com a língua em uso. Dado que os saberes dos linguistas profanos não se opõem aos saberes dos linguistas, é preciso estabelecer um diálogo entre eles, adotando uma postura integracionista.

Diante disso, a Linguística Popular se desenvolve a partir dos metadiscursos de locutores profanos sobre a língua. Suas intuições e percepções servem de material para a reflexão da Linguística científica e amadora, assumindo um lugar de entrecruzamento “para fins didáticos/ de divulgação”, como defende Schmale (2008 apud PAVEAU, 2018, p. 25).

Um campo de estudos caro à Linguística *Folk* é a investigação da instrumentalização colaborativa da língua. A criação de dicionários colaborativos é uma delas. Tal prática, comum na rede, reflete usos reais da língua, uma vez que possibilita que experiências humanas contribuam para a construção dos sentidos, abraçando o patrimônio da pluri-identidade e permitindo uma língua mais dinâmica e próxima da realidade. Esse fenômeno alimenta uma cultura de troca de saberes valorizada pelos estudos *folk*.

Este é o caso do *Greengo Dictionary*, um dicionário de expressões brasileiras traduzidas literalmente para o inglês em tom cômico, presente em redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram. Por meio de postagens humorísticas virais, *Greengo Dictionary* leva a língua e a cultura brasileiras para um espaço de diálogo com forças hegemônicas.

Considerando o verbete compartilhado na rede social Instagram um instigante arcabouço de percepções populares sobre a língua, este artigo se propõe a analisar, não exaustivamente, os sentidos veiculados por ele. A partir do estabelecimento de diálogos entre a Linguística Popular e a Análise Dialógica do Discurso, buscamos compreender a interface do verbete com o meme, reconhecer posturas linguísticas decolonialistas, identificar as ideologias que sustentam as escolhas lexicais e refletir sobre os processos

de carnavalização que autorizam a problematização dos discursos sociais em *Greengo Dictionary*.

Para tanto, nos embasamos nos estudos sobre a Linguística Popular propostos por Marie-Anne Paveau (2018; 2019); Guy Achard Bayle (2019); Roberto Leiser Baronas e Tamires Bonani Conti (2019) que advogam sobre a importância da valorização dos locutores profanos para um verdadeiro entendimento da língua em uso. As reflexões de Kanavillil Rajagopalan (2005) sustentam uma visão anti-imperialista presente nas relações entre duas línguas em diferentes posições de poder no léxico analisado. Por fim, as teorias do círculo de Bakhtin (2018; 2011) e de seus pesquisadores brasileiros, como José Luiz Fiorin (2006), Norma Discini (2006), Beth Brait (2006); Anderson Salvaterra Magalhães e Maria Elizabeth da Silva Queijo (2015), iluminam os processos de carnavalização dos enunciados, bem como a compreensão das forças centrífugas e centrípetas que desestabilizam os discursos e as ideologias neles presentes. Assim, as vozes de linguistas profanos e especialistas se inserem em uma cadeia dialógica de construção de sentidos sobre a língua.

## 1. Um linguista profano nas redes sociais

*Greengo Dictionary* é um dicionário de expressões brasileiras traduzidas para o inglês e compartilhadas em forma de verbete nas redes sociais. O léxico foi criado pelo designer gráfico Matheus Diniz. Na época, o jovem era funcionário público comissionado na secretaria de Saúde do Estado de Goiás e estava descontente com a vida profissional. Decidiu fazer uma prova de proficiência em língua inglesa para buscar novas oportunidades fora do país em 2018. Devido à aproximação com a língua, postou uma *thread*<sup>2</sup> no twitter traduzindo expressões brasileiras como “hoje a jiripoca vai piar” e “tirar o cavalinho da chuva” para o inglês como: “*the jiripoca is going to pewpew*” e “*take your little horse out of the rain*”. Os tweets viralizaram<sup>3</sup> e surgiu a ideia de criar o perfil. A página teve um outro nome, parodiando um famoso dicionário brasileiro. Temendo sofrer sanções penais, Matheus Diniz resolveu alterar o título

<sup>2</sup> Sequência de postagens em uma rede social, também conhecida popularmente como “fio”.

<sup>3</sup> De acordo com o Dicio, Dicionário Online de Português, “tornar viral, muito visto ou compartilhado por muitas pessoas, especialmente em redes sociais ou aplicativos de compartilhamento de mensagens”.

fazendo um trocadilho com a justaposição das palavras *green*<sup>4</sup> e *go*<sup>5</sup> e os fonemas da expressão “gringo”<sup>6</sup>.

As intuições e percepções de Matheus Diniz sobre a linguagem subjazem a construção dos metadiscursos do glossário. Nesse sentido, o jovem executa o que Paveau (2018, p. 23) classifica como “práticas linguísticas designáveis como *folk*”, assumindo uma identidade de linguista profano. Para a autora, “ser um não linguista não é um estado permanente, mas uma atividade praticável num momento e num lugar determinados pelos próprios linguistas; há uma posição de não linguista, sempre cambiável com alguma outra” (PAVEAU, 2018, p. 23). Assim, dançando entre diferentes posições discursivas, Matheus Diniz promove reflexões sobre a língua brasileira e os discursos que por ela circulam colocando-a em um diálogo com outros espaços de poder a partir do uso abrigado de uma língua hegemônica.

Marie-Anne Paveau (2018) apresenta uma síntese dos tipos de não-linguistas enfatizando que essas posições são “porosas, e até mesmo, transversais” (PAVEAU, 2018, p. 27). E Matheus Diniz transita por pelo menos três dessas posições discursivas.

A primeira, como “logófilo ou glossomaniaco”. De acordo com Marina Yaguello (2006, p. 47 apud PAVEAU, 2018, p. 31), o trabalho do logófilo consiste em:

- a. acumular dados;
- b. classificá-los;
- c. encontrar um princípio explicativo: imitação dos sons da natureza, ou ainda a correspondência entre o sentido das palavras e sua realização acústica ou articulatória;
- d. organizar os dados sob a forma de uma árvore genealógica, a língua-mãe que daria à luz toda a prole de línguas passadas e presentes da humanidade

Assim, observamos que Matheus Diniz seleciona as expressões a serem definidas, classifica-as em diferentes grupos obedecendo aos princípios internos da língua (como a criação do nome da página que faz um jogo de sons e sentidos entre o idioma original e idioma alvo).

Outra posição discursiva que o jovem ocupa é a de ludolinguista, definida por Paveau como especialista “na manipulação lúdica dos significantes” (2018, p. 31). O tom humorístico das definições revela brincadeiras e trocadilhos com a linguagem. Padrões de sotaque, diferenças de pronúncia e jargões de grupos marginalizados também são transferidos para a língua inglesa e publicados no dicionário.

---

<sup>4</sup> verde

<sup>5</sup> Ir/vá

<sup>6</sup> De acordo com o Dicionário Online de Português, “pessoa que não nasceu no Brasil; estrangeiro”.

Ademais, Matheus Diniz também desempenha o papel militante apontado por Paveau (2018) como característico da linguística *Folk*. Ao traduzir discursos de personalidades políticas importantes no cenário brasileiro denunciando ideologias e valores que as atravessam, o jovem marca seu posicionamento. Se o saber profano é uma ferramenta para transformação da sociedade (PAVEAU, 2018), percebemos nesse dicionário uma luta ideologicamente marcada. Ainda, a própria escolha de traduzir, literalmente, expressões brasileiras para uma língua de comunicação mundial sem se preocupar em ser rigidamente fiel às regras daquele idioma é uma forma de subverter uma ordem hegemônica de discurso. A insubordinação do português ao inglês é mais uma maneira de estabelecer um diálogo em nível de igualdade com outra cultura que de servir a uma tendência imperialista.

## **2. Um dicionário gringo, brasileiro e insubordinado no Instagram**

A página *Greengo Dictionary* está presente nas redes sociais Twitter, Facebook e Instagram, com postagens que obedecem às diferentes linguagens e propostas de cada rede social.

No Twitter, um canal mais objetivo, dinâmico e interativo, as postagens são feitas em português ou inglês, referenciam os acontecimentos importantes do momento, fazem críticas políticas e compartilham memes, traduzidos ou não. No Facebook, são postadas imagens representativas da cultura brasileira, críticas às práticas imperialistas, trocadilhos ou descrições da língua portuguesa, entre outras percepções sobre nosso idioma e culturas.

No Instagram, por sua vez, as postagens são compartilhadas como verbetes de dicionário em forma de meme. Se o “objetivo dos dicionários tradicionais é catalogar as palavras usadas em uma determinada língua, apresentando, geralmente: definição, classificação gramatical, etimologia, divisão silábica, plural, sinônimos, antônimos etc. (CONTI; BARONAS, 2019, p. 4289), *Greengo Dictionary* adequa tais propriedades às demandas dessa rede social fantasiando-as com humor. As expressões traduzidas para o inglês são classificadas em categorias metalinguísticas que corresponderiam a classes gramaticais, como qu. (citação); m. (meme); exp. (expressão); n. (substantivo); prot. (protesto); lyr. (letra de música); cult. (cultura); interj. (interjeição), phr. (frase), entre outras menos recorrentes.

A página do *Instagram* apresenta características que, de acordo com os critérios estabelecidos por Paveau (2008 apud BARONAS; CONTI; 2019, p. 4289), inserem *Greengo Dictionary* no campo da linguística *folk*: é construído por não linguistas; tem a metalinguagem como objeto e circula como um dicionário virtual de amplo acesso. Devido a esse formato dicionarístico e às reflexões metalinguísticas promovidas em forma de verbete, este artigo utiliza as publicações do Instagram como objeto de análise.

A escolha de traduzir as expressões brasileiras para o inglês não é aleatória e se apresenta como uma estratégia de divulgação cultural. De acordo com Kanavillil Rajagopalan (2005, p. 149), “estima-se que perto de 1,5 bilhão de pessoas no mundo [...] já possui algum grau de conhecimento da língua inglesa e/ou se encontra na situação de lidar com ela no seu dia-a-dia”. Além disso, com a ampliação da conectividade, o acesso ao idioma também é facilitado. Logo, usá-lo para disseminar expressões brasileiras em um perfil público na internet, aumenta a possibilidade de diálogo com essa grande parcela da população mundial.

Outrossim, o respeito às organizações discursivas brasileiras ao invés da busca de expressões correspondentes, bem como a adaptação da língua inglesa às regras e padrões da língua portuguesa expressam uma insubordinação, uma resistência à lógica imperialista proposta por um inglês impecável, “nativo”, tão difundido atualmente.

Para Rajagopalan (2005, p. 147), “a língua inglesa está na situação que se encontra hoje porque os países anglófonos, notadamente os Estados Unidos, passaram a gozar do poder hegemônico no mundo pós Segunda Grande Guerra”. Essa influência está ainda maior depois da virada digital que facilitou a disseminação de culturas e modos de vida estadunidenses, potencializando a força de seu idioma. Ainda de acordo com o autor,

“as línguas – todas elas – são palcos de luta de classes e de todos os tipos de atritos e desavenças, refletindo, reproduzindo e alimentando as tensões que existem em todas as sociedades, tensões hoje exacerbadas pelo avanço do neoliberalismo que atende aos interesses dos poderosos” (RAJAGOPALAN, 2005, p. 156).

Nesse sentido, manter uma identidade brasileira mesmo na escrita estrangeira é uma forma de combater forças hegemônicas. Ao utilizar o inglês de maneira abrasileirada, o dicionário resiste à sua dominação, pois a “lógica do imperialismo e do colonialismo não admitia qualquer possibilidade de as línguas se misturarem, da mesma forma que proibiam qualquer simbiose, sincretismo, entre raças (e culturas) dominantes

e dominadas” (RAJAGOPALAN, 2005, p. 154). Hibridismos linguísticos, portanto, contribuem para um enfraquecimento da hegemonia (idem).

O dicionário opera, assim, como o faz o escritor nigeriano Chinua Achebe que na análise de Rajagopalan (2005): apropria-se de uma língua dominadora para penetrar em seu universo, divulgando aspectos próprios de sua cultura. A apropriação linguística busca subverter, assim, a ordem do poder. Deste modo, a língua inglesa é convocada a servir aos interesses dos “dominados”; não o inverso. (RAJAGOPALAN, 2005, p. 150).

### 3. Um Carnaval de discursos

Ao contrário do que sua forma impessoal faz pressupor, um dicionário não é um dispositivo neutro. Os termos apresentados, a maneira como são definidos, os significados inseridos ou excluídos – todos os aspectos de um léxico são mediados por seu autor. E esse autor está inscrito numa visão de mundo, que orienta cada escolha, legitimando ou confrontando discursos soberanos.

O texto dicionarístico pode ser entendido como um discurso comum elaborado formalmente. Ele reflete valores sociais, culturais e políticos de um momento histórico e lugar, projetando significantes sobre um mundo assinificante. No mesmo sentido, Tamires Bonani Conti e Roberto Leiser Baronas, em sua análise sobre o dicionário Aurelia, constatam que

dicionários são produtos tecnológicos construídos pelo homem em determinado momento histórico e social, cuja objetividade e neutralidade das definições são efeitos ideológicos, que buscam a todo o momento silenciar os sentidos outros que não os autorizados nos/pelos dicionários (2019, p. 4291).

Os dicionários, então, veiculam ideologias por meio da sistematização das palavras e regras de uma língua definindo, por assim dizer, o que existe, quando existe e como existe de tal modo que a palavra participa da construção da realidade social.

*Greengo Dictionary*, ao mesmo tempo em que perturba essa ordem, também incide nela. Embora a quebra da neutralidade seja anunciada, suas definições produzem efeitos ideológicos que vociferam sentidos até então silenciados pelos dicionários formais. Esses efeitos ideológicos, por sua vez, ecoam outros discursos sobre as brasilidades que foram renegados pela tradição linguística formal. Alargando a discussão, José Luiz Fiorin explica que

o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o

modo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo. Como se vê, se não temos relação com as coisas, mas com os discursos que lhes dão sentido, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem [...] (FIORIN, 2006, p.167).

Nesse sentido, a página é um enunciado que responde a outros enunciados anteriores ao mesmo tempo em que se orienta para uma resposta, inserindo-se em uma cadeia dialógica de sentidos e visões sobre a cultura brasileira (BAKHTIN, 2018). As respostas a esses enunciados vêm de formas diversas: curtidas, compartilhamentos, comentários ou mesmo como uma compreensão retardada que adormece nos interlocutores para ressurgir tempos depois. Sua dimensão é imensurável, assim como a extensão de qualquer discurso ideologicamente marcado. E, ao visibilizar discursos esquecidos pela tradição linguística formal traduzindo-os para outro idioma de grande influência mundial, os verbetes propostos no *Greengo Dictionary* participam da reconstrução da realidade brasileira.

Ainda, para Bakhtin, “não há neutralidade na circulação de vozes. Ao contrário, ela tem uma dimensão política. As vozes não circulam fora do exercício do poder” (FIORIN, 2006, p. 173). Diante disso, podemos dizer que a página joga com forças centrífugas e centrípetas mesmo com postagens engraçadas e aparentemente banais. O verbete, que desconstrói a formalidade do gênero dicionário com seu formato de meme compartilhável e que problematiza o próprio uso do inglês e outros discursos hegemônicos, também recupera a afetividade pelo verde e amarelo reconstruindo um senso patriótico que parecia, há muito, perdido – sobretudo por grupos menos conservadores da sociedade.

Outrossim, percebemos um processo de carnavalização do discurso lexicográfico de *Greengo Dictionary* que autoriza esse jogo de forças centrífugas e centrípetas. Para Bakhtin, a essência carnavalesca permite

aproximar o que está distante, ajuda a libertar-se do ponto de vista dominante sobre o mundo, de todas as convenções e dos elementos banais e eventuais, comumente admitidos; permite olhar o universo com novos olhos, compreender até que ponto é relativo tudo o que existe, e, portanto, permite compreender a possibilidade de uma ordem totalmente diferente do mundo (2013, p.30 apud MAGALHÃES; QUEIJO, 2015, p. 174).

Destarte, o tom humorístico com que os discursos são compartilhados convulsiona posicionamentos hegemônicos. O meme ridiculariza, zomba, faz rir. Mas também se espalha como um vírus convidando a se enxergar, a refletir, a se identificar com discursos ou os rejeitar. Bakhtin reconhece o realismo grotesco como uma ferramenta de construção dessa sátira carnavalesca. O autor caracteriza o realismo

grotesco como uma “herança (um pouco modificada, para dizer a verdade) da cultura cômica popular, de um tipo peculiar de imagens e, mais amplamente, de uma concepção estética da vida prática que caracteriza essa cultura e a diferencia claramente dos séculos posteriores” (BAKHTIN, 1987 apud DISCINI 2006 p. 64). Ou seja, o grotesco é parte da cultura humana, embora seja rejeitado pela tradição. Invocá-lo é perverter uma ordem social dominante. E é por meio desse realismo grotesco que a página constrói seu léxico insólito.

Anderson Magalhães e Maria Elizabeth Queijo (2015, p. 171) explicam que

[...] para Bakhtin (2013), na Idade Média o carnaval seria o núcleo de uma cultura que oferecia, por meio do riso, uma visão não oficial do mundo e das relações humanas. Desse modo, o carnaval contrapunha-se ao tom sério da cultura oficial, feudal e religiosa, situando-se na fronteira da arte e da vida. Essa ideia de uma esfera intermediária entre a arte e a vida permitia aos homens da época, em ocasiões determinadas, um segundo mundo onde se vivia uma segunda vida. O carnaval seria, portanto, vinculado à ideia de dualidade do mundo. Nesse segundo mundo temporário, havia espaço para ousadias, utopias. Assim, conseqüentemente, o carnaval proporcionava ao homem medieval uma visão de futuro, bem como o sentimento de renovação e mudança. A praça pública seria o lugar, sem que fosse possível distinguir atores de espectadores, onde se vivia um carnaval universal, isto é, para todo o povo.

Se esse recurso era uma ferramenta de resistência na Idade Média, também pode ser uma estratégia de combate a discursos conservadores no Brasil do século XXI. Na medida em que a fantasia possibilita a reelaboração do real, o processo de carnavalização joga com a dualidade para (re)criar um mundo diferente. E essa estratégia invade a esfera virtual utilizando novas roupagens. Assim, fantasiando o verbete de meme, *Greengo Dictionary* proporciona um sentimento de utopia e mudança que são próprios da visão carnavalesca de mundo (MAGALHÃES; QUEIJO, 2015).

À luz dessas reflexões, analisamos algumas postagens da página *Greengo Dictionary* para compreender seus efeitos discursivos em uma perspectiva integracionista da linguística popular com a Análise dialógica do discurso.

#### **4. Um jogo de forças centrípetas e centrífugas**

*Greengo Dictionary* apresenta uma identidade bastante marcada desde seus elementos gráficos até o trabalho metalinguístico. Uma espécie de nacionalismo pitoresco permeia toda a construção do léxico. A própria imagem do perfil do *Instagram* nos remete à uma bandeira do Brasil estilizada. O círculo azul se transforma em um balão de fala e aparece centralizado na imagem. Uma faixa branca sem escritos

atravessa o meio do balão na diagonal. O losango da bandeira é adaptado, transformando-se em dois pequenos triângulos amarelos nas laterais do balão azulado. O verde em um tom mais suave que o do símbolo nacional oficial preenche todo o fundo da imagem. O perfil conta com 1,5 milhões de seguidores e compartilhou (até o momento) 637 publicações com definições de expressões brasileiras.

Na bio<sup>7</sup> do dicionário são listados os dizeres “BR little Brazil juice<sup>8</sup>”, o e-mail para contato e um convite para colaboração: “Mande suas traduções pra gente” seguido da indicação do link do site [greengodictionary.com.br](http://greengodictionary.com.br). Alguns *emojis*<sup>9</sup> adornam a lista adequando-a ao contexto virtual.

As postagens seguem um padrão de cor. Três tons diferentes de verde são utilizados no plano de fundo do léxico, mantendo uma identidade visual alinhada com o nome do dicionário. Em alguns posts de protesto a cor utilizada no fundo da publicação foi o preto. A tradução da expressão brasileira para o inglês aparece sempre em destaque com fonte maior em azul. Abaixo, em caracteres menores com a cor preta, fica a frase original entre barras, sua classificação e sua definição ou explicação em língua inglesa. No rodapé estão inseridos o nome de usuário do perfil, *@greengodictionary*, logomarcas (em casos de postagens patrocinadas) e o símbolo da página. Quando a tradução é enviada por algum colaborador, ele também é referenciado no rodapé.

Todos esses aspectos que constroem a identidade visual do dicionário não são neutros. Tanto a escolha de cores quanto o trabalho de valorização da língua nacional evocam um senso de pertencimento, de patriotismo que “estão imbuídos de valores simbólicos e emocionais” (RAJAGOPALAN, 2005, p. 137).

Outrossim, inserido em um contexto de hipervelocidade, interação e dinamismo, *Greengo Dictionary* deixa de ser uma produção exclusiva de seu criador, Matheus Diniz, e passa a receber sugestões e contribuições de seguidores da página. Ou seja, opera de forma colaborativa com outros falantes, majoritariamente não-linguistas.

Dicionários colaborativos articulam as diversidades de saberes *folk* sobre a língua(gem). Ao elevarem as definições ordinárias a uma materialidade formal, falantes utilizam sua consciência epilinguística para evidenciar discursos e crenças compartilhadas sobre o próprio idioma.

---

<sup>7</sup> Biografia da rede social Instagram

<sup>8</sup> Suquinho de Brasil (tradução nossa).

<sup>9</sup> De acordo com o dicionário Cambridge, uma imagem digital que é adicionada a uma mensagem eletrônica para expressar uma ideia particular ou sentimento.

Com efeito, a consciência epilinguística é uma instância que fornece dados linguísticos da ordem da percepção. Se, numa perspectiva empírica, a linguística faz jus às dimensões experiencial e cultural da linguagem, ou seja, se o objeto da linguística integra os usos da língua pelos sujeitos sociais e cognitivos, então os dados perceptivos da linguística folk podem ser levados em conta como dados linguísticos, pura e simplesmente (PAVEAU, 2018, p. 37-38).

Sendo assim, *Greengo Dictionary* se constrói a partir das percepções e intuições de falantes sobre a própria língua materna, ao mesmo tempo em que projeta tais impressões para a língua estrangeira. Faz, assim, um duplo movimento de perceber e encadear saberes linguísticos.

O próprio nome da página apresenta esse processo. Ao juntar duas palavras diferentes, *green* e *go*, para a composição do título da página, observamos o fenômeno de formação de palavras por justaposição. O título ainda faz uma brincadeira com a língua original e a língua alvo, brincando com aspectos fonológicos e semânticos. A pronúncia de *Greengo* alude à expressão brasileira “gringo”, frequentemente utilizada para se referir a estrangeiros. Ao mesmo tempo, *Green* significa “verde” e *go* representa o verbo “ir”. Os discursos subjacentes a essa brincadeira semântica contemplam bem a proposta do dicionário: lançar o verde brasileiro para um espaço de diálogo com o universo estrangeiro.

Ora, nessa arena de debates culturais *Greengo Dictionary* joga com forças centrípetas e centrífugas. Apesar do título da página, ela desconstrói o formato dicionarístico ao transformar verbetes em memes. Essa força descentralizadora está presente o tempo todo por meio do tom humorístico das definições. Embora seja um dicionário brasileiro, traduz as expressões para o inglês de forma descontraída e excessivamente literal, abalando as estruturas idealizadas do idioma alvo.

As forças centralizadoras, por sua vez, também fazem parte do jogo. O verde amarelo espalhado por toda a página resgata uma tradição patriótica, um sentido de pertencimento e unidade. O enaltecimento das expressões brasileiras também publiciza um orgulho da cultura. Ainda, a escolha do inglês – embora subverta sua lógica imperialista ao misturar as duas línguas – reafirma a posição de poder do idioma como uma ferramenta de comunicação global. Essa antítese, portanto, é parte constitutiva desse dicionário.

A página apresenta diversas categorias para classificar as sentenças: citação; meme; expressão; substantivo; protesto; letra de música; cultura; interjeição e frase são

os mais comuns. Um exemplo de expressão traduzida pelo dicionário encontra-se abaixo:

*I don't even tell you*

*/nem te conto/ (exp.) I. means you are about to tell everything and a bit more*

*I will tell you...*

*/vou te contar.../ (exp.) I. Finishing up a conversation without telling anything, showing disapproval*

Estas duas expressões encontram-se na mesma postagem. Ao deslizar para o lado vê-se, também, os dois *tweets*<sup>10</sup> que originaram esse verbete e que expandem a problematização dizendo:

A expressão “nem te conto” que significa vou te contar tudo e a expressão “vou te contar...” em que você não conta nada

Expressões do português devem confundir muito não-nativos em processo de aprendizagem, imagina vc termina a conversa com “vou te contar” e a pessoa fica esperando vc contar<sup>11</sup> (GREENGO DICTIONARY, 2020).

Na legenda da publicação, o questionamento “*Brazilian expressions are confusing???*” abre o debate para o público. Percebemos que as traduções são feitas com uma sintaxe mais abasileirada que de fato inglesa. A pergunta da legenda é organizada como uma afirmação, quase como se fosse uma resposta ao próprio questionamento, um discurso bivocal. As expressões também são paradoxais, trazendo sentidos opostos às suas construções sintáticas. São a antítese uma da outra.

Esta reflexão metalinguística bastante complexa se constrói por uma “competência inconsciente, portanto, implícita da língua”, a consciência epilinguística (PAVEAU, 2018, p. 25). Elaborada sob diferentes posições enunciativas (a de falante comum, de lexicógrafo e de ludolinguista), essa constatação *folk* integra problematizações da linguística científica – em suas diferentes vertentes.

Utilizando a sua intuição e percepção, o falante identifica que o valor semântico de uma frase pode contradizer sua construção sintática e produzir significados paradoxais que muito provavelmente não seriam acessados por um não nativo. Se, de acordo com Bakhtin, “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2002, p.183 apud BRAIT, 2006, p. 12) é preciso compreender que o sentido de um enunciado é construído a partir de fatores internos e externos à língua.

<sup>10</sup> Publicações compartilhadas na rede social *Twitter*.

<sup>11</sup> Captura de tela de um tweet do usuário @\_lowkynat, na rede social *Twitter*.

Nessa perspectiva, a estrutura do enunciado não é mais relevante para sua compreensão que seu contexto de uso.

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. [...] As relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irredutíveis a estas e têm especificidade própria. Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa. (BAKHTIN, 2002, p. 181 apud BRAIT, 2006, p. 13)

Os sentidos de um enunciado, portanto, transcendem sua estrutura e se fazem nas relações entre sujeitos atravessados por dimensões históricas, sociais e culturais. A palavra “está tão determinada por quem a emite quanto por aquele para quem é emitida. Então, a abordagem da língua deve ser feita por sua inserção no contexto social e no universo da tensão humana em que ela atua” (ORLANDI, 2009, p. 57).

As relações de sentido contraditórias apresentadas pelo dicionário não podem ser superadas por uma análise sintática. E isso é evidenciado quando a problemática da aprendizagem do não nativo é levantada pelos não-linguistas que o criam. Ao questionar se as expressões brasileiras são confusas, assume-se que existe algo sobre a língua que está fora de sua estrutura. Lançar luz sobre essa questão é, também, problematizar eventuais dificuldades de aprendizagem da língua e pensar soluções para elas. À vista disso, a publicação em questão levanta dados caros à Linguística Popular, pois ilumina a contribuição significativa dos questionamentos de linguistas profanos para o entendimento da língua e seus efeitos de sentido.

Um exemplo de definição fantasiado de banalidade que se encontra na categoria de substantivo, por sua vez, é exposto a seguir:

*kid ney*  
 /menino ney/ (n.)  
 I nickname of the Brazilian soccer player Neysea, not the organ of the human body<sup>12</sup>.  
 (GREENGO DICTIONARY, 2020)

Aqui, a página faz um trocadilho com a tradução de “menino Ney”, apelido do famoso jogador de futebol brasileiro, Neymar Júnior, e a expressão *kidney*, que significa “rim”, criando uma ambiguidade. Na legenda, a brincadeira é reforçada “Bebam água pra não ficar com pedras no menino ney #fridayed @neymarjr”.

<sup>12</sup> Apelido do jogador de futebol brasileiro Neymar, não o órgão do corpo humano (tradução nossa).

Além da ambiguidade criada na versão inglesa devido à escolha do signo *kid* ao invés de *boy*, que expressa um conhecimento semântico intuitivo sobre a língua original e a língua alvo, nota-se também a adaptação do uso dos afixos. Para a construção da *hashtag*<sup>13</sup> *fridayed*<sup>14</sup>, que significa “sextou” o autor identifica a correspondência entre o uso do sufixo *ed*, indicador de passado simples na língua inglesa, e o sufixo *ou* da língua portuguesa, característico do pretérito perfeito.

Esse intercâmbio entre as línguas causa um efeito de humor. Ainda, a (de)composição morfológica que substitui a terminação “mar” do nome do jogador por sua versão em inglês “sea”, em *Neysea*, contribui para a graça da postagem. Vemos, assim, a integração de produções meta e epilinguísticas para a construção de jogos sobre palavras, trocadilhos, confusões e brincadeiras sobre as línguas (PAVEAU, 2018). Marie-Anne Paveau explica que os ludolinguistas são “falantes que adotam essa posição ao mesmo tempo refletida e lúdica sobre a língua. [...] Essas produções são, sem dúvidas, dotadas de uma dimensão didática explícita” (PAVEAU, 2018, p. 25).

A publicação não apenas satiriza as línguas que dialogam no âmbito deste dicionário, como também dizem sobre nossos valores culturais, neste caso, a importância do futebol e suas personalidades. Na época da publicação, julho de 2020, Neymar anunciou estar pronto para seu retorno aos campos depois de três meses de isolamento devido à pandemia de COVID-19. Com o anúncio, o menino Ney, como é conhecido no Brasil, voltou a ocupar os holofotes da imprensa. Essa preocupação durante uma grave crise de saúde, em que as aglomerações características dos jogos representam grandes riscos, traz à tona a supervalorização do futebol pela cultura brasileira, mesmo diante de um cenário catastrófico. Deste modo, tal enunciado arrasta consigo as políticas de pão e circo que impregnam a nossa cultura.

Outro verbete para a categoria substantivo, mais polêmico e com posições ideológicas escancaradas e inflamadas, é este de 17 de abril de 2020:

***Pocketnaro vírus***  
***/BolsonaroVírus/ (n.)***

---

<sup>13</sup> De acordo com o Dicionário Online de Português, “Recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos, através do símbolo “#” antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona”.

<sup>14</sup> Sextou. De acordo com o Dicionário Online de Português, sextou é uma gíria proveniente do verbo sextar. Significa “anunciar o início do final de semana ou a chegada da sexta-feira, normalmente com sentido carregado de empolgação e felicidade.”

*I genocide virus COVARD-17 that spreads ignorance by taking reckless measures against Brazil, such as firing the health minister in the middle of a pandemic*<sup>15</sup>.  
(GREENGO DICTIONARY, 2020)

Tanto a data de publicação (17 de abril) quanto o número no título alterado do “vírus” (COVARD-17) fazem explícita referência à legenda de seu partido à época o PSL, utilizada pelo atual presidente nas eleições de 2018. A palavra *Pocket* é uma tradução literal de “Bolso”, parte composicional do sobrenome do então presidente Jair Bolsonaro. Além do efeito de humor provocado por essa aglutinação linguística, que gera uma quebra de expectativa pela tradução (literal) de um nome próprio, essa brincadeira também debocha da figura pública que referencia. Tal efeito inclusive é reforçado quando a mesma é tratada como um vírus chamado COVARD-17. Embora “covard” não seja uma versão do inglês adequada para a palavra “covarde” da língua portuguesa, sua escolha faz um trocadilho bastante próximo do título do vírus, COVID-19. Outrossim, expressa o posicionamento ideológico da página em relação ao político, revelando seu papel militante ao clamar por responsabilidade na gestão da crise de saúde.

Na definição, os signos escolhidos criticam Bolsonaro duramente. Não obstante, dialogam com a realidade material do Brasil ao tratar metaforicamente o presidente como o próprio coronavírus, que foi a causa da morte de mais 608.000 pessoas no país até o momento. O termo “genocida”, que se refere à uma política de extermínio de massas, se insere nessa cadeia dialógica problematizando a omissão do presidente na elaboração de políticas de combate ao vírus, bem como suas posturas negacionistas que incitam aglomerações. O uso da palavra *reckless*, que significa “negligente, imprudente”, é outro enunciado que insere as vozes indignadas nessa cadeia discursiva.

Com tais jogos de palavras e definição, a postagem expressa o desamparo de uma significativa parcela da população brasileira com a demissão do então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, no auge da pandemia de coronavírus. A decisão de Bolsonaro teria sido influenciada por uma série de conflitos ideológicos, sobretudo porque o ministro estaria sustentando discursos divergentes do chefe de Estado, que privilegiava a proteção da economia e buscava impedir “que o Brasil parasse”.

---

<sup>15</sup> Vírus genocida COVARDE-17 que espalha ignorância por meio de medidas imprudentes contra o Brasil, por exemplo, a demissão do ministro da saúde no meio de uma pandemia (tradução nossa).

A este respeito, José Luiz Fiorin explica com base em Bakhtin que as polêmicas políticas, culturais e econômicas fazem parte tanto da esfera social quanto individual e “refletem visões de mundo diversas, mas também fenômenos como a fala – que se vai moldando pela opinião do locutor imediato ou a reprodução da fala alheia com uma entonação zombeteira, dubitativa, admirativa, indignada, aprovadora, reprovadora, etc.” (Bakhtin, 2011, p. 91-93 apud FIORIN, 2006, p. 177). Logo, por meio do verbete, a página ecoa a preocupação de uma parte da população com a falta de assistência à saúde em plena pandemia. Em um contexto de polarização política e subordinação do país aos interesses econômicos, a falta de atenção com o bem estar da população e investimento em medidas preventivas gerava insegurança e angústia.

Ao mesmo tempo em que trata de uma questão séria, a legenda equilibra a postagem com a versão traduzida de uma fala que viralizou em um *reality show* popular no Brasil: “*I DON'T LIKE YOU, I don't feel truth in you, I think you are, yes, incoherent, you are where it suits you in all your ways, speeches, walks, positioning and etc... #forabolsonaro #mandetta #ministeriodasaude*”<sup>16</sup>. Aqui, temos uma combinação de dois debates que, no imaginário popular brasileiro são descabidos: a política, uma questão que não se discute, que é do domínio de uma cultura erudita; e o *reality show*, lido como cultura de massa, como um circo que distrai brasileiros das questões que os afetam materialmente. Novamente, observamos o jogo de forças centrífugas e centrípetas acontecer.

Esses múltiplos enunciados contraditórios buscam simultaneamente “impor uma centralização enunciativa no plurilinguismo da realidade” e “minar, principalmente, por intermédio da derrisão e do riso, essa tendência centralizadora” (Bakhtin, 1988, p. 80-3 apud FIORIN, 2006, p. 173). Assim, esse jogo escrachado ocorre de maneira carnalizada, construindo-se a partir do grotesco. O dialogismo entre esses discursos de esferas distintas da atividade humana é uma forma composicional que torna a crítica política possível e até mesmo aceitável dentro do paralelo universo perfeito da rede social.

Outra postagem, agora inserida na categoria “citação”, que se relaciona com as reflexões oriundas do *post* anterior traduz uma fala do atual ministro da saúde:

*On Day D,*

---

<sup>16</sup> 'Não gosto de você. Não sinto verdade em você. Acho você, sim, incoerente, você está onde te convém. em todos os seus jeitos, falas, posicionamento e etc' (fala de Rafaela Kalliman, no Big Brother Brasil de 2020).

*At Hour H**/no dia D, na hora H/ (quo.)**I. Brazil's Minister of Disease, Edward Pazuello, announcing a vague "start date" for the vaccination in Brazil<sup>17</sup>. (GREENGO DICTIONARY, 2011)*

Meses depois da polêmica demissão do Ministro Luiz Henrique Mandetta as políticas de saúde brasileiras continuam sendo motivo de preocupação nacional. Após a demissão de outro secretário de saúde, o oncologista Nelson Teich, a pasta foi assumida por Eduardo Pazuello, um general do exercício brasileiro. As trocas de ministro comprometeram ainda mais a estratégia de combate ao coronavírus e resultou no atraso do início da vacinação no Brasil. Pressionado pela imprensa e pela população, o ministro faz uma declaração evasiva, afirmando que a vacinação será feita “No dia D, na hora H”. Em um cenário otimista, o dia D seria 20 de janeiro de 2021. Contudo, a vacinação ainda dependia da aprovação da ANVISA na ocasião, cujo processo de aprovação dos imunizantes estava lento e burocrático devido a disputas de interesses políticos.

Neste verbete de citação, há a incorporação de duas vozes distintas no enunciado: a voz do Ministro Pazuello e a do léxico. Elas são abertamente citadas e nitidamente separadas (BAKHTIN, 2011). A definição do dicionário é uma forma de estabelecer uma relação dialógica, respondendo ao enunciado do general, bem como as forças autoritárias às quais ele obedece.

Se todo signo é ideológico (VOLOSHINOV, BAKHTIN, 2018) não dizer é também uma forma de dizer. Ser evasivo em relação ao início da vacinação em um momento de incertas negociações é uma estratégia de manutenção de controle. Outrossim, oculta a falta de prioridade da pauta, que àquela altura já era um plano em execução em vários países.

Por outro lado, embora evasivo, o signo “Dia D” também apresenta relações dialógicas com outros enunciados anteriores. Esse termo é utilizado entre militares para se referir ao primeiro dia de uma operação. Ele também alude à maior operação militar já realizada, que culminou na invasão da Normandia e deu início à queda do regime nazista (BBC, 2019). Diante do fato de que Pazuello é um general do exército, a escolha desse signo é bastante representativa em seu universo de sentidos, pois é também uma declaração de guerra contra o vírus.

---

<sup>17</sup> Ministro da Doença do Brasil, Eduardo Pazuello, anunciando uma data vaga para início da vacinação no Brasil (tradução nossa).

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado numa esfera comum da comunicação verbal (BAKHTIN, 2011, p. 316).

Se todo enunciado suscita uma resposta, *Greengo Dictionary* se insere nesta cadeia de comunicação verbal por meio de sua definição. A página atribui sentido à fala de Pazuello com tom de crítica, chamando-o de “Ministro da doença”. Esse título bivocal zomba do papel do ministro, acusando-o de trabalhar em defesa do vírus e não da saúde da população.

Este processo é familiar às relações dialógicas, que se fazem entre distintas posições enunciativas, que “contêm necessariamente emoções, juízos de valor, expressões” (Idem, p. 308-12). Além do mais, a legenda da postagem também é irônica: “Será que dá pra ser mais vago, ministro Pazuello?”. Caracterizar deste modo a fala do ministro também marca a indignação com a falta de informações concretas sobre a campanha de vacinação, sobretudo em um contexto em que pacientes internados por COVID-19 morreram asfixiados por falta de oxigênio nos leitos do estado de Manaus. Assim, *Greengo Dictionary* despe-se da fantasia de neutralidade dicionarística para replicar a fala do ministro em uma esfera de comunicação global, utilizando-se de um idioma de amplo alcance.

Essa dança carnavalesca de discursos travestidos desfila por toda a página, dando voz a sentidos não autorizados. Enunciados brasileiros são traduzidos, destacados e classificados pelo glossomaníaco Matheus Diniz e seus colaboradores. Princípios explicativos são encontrados fora de um espectro científico dos estudos linguísticos, porém não são menos relevantes para a compreensão da língua e das culturas brasileiras. Ao contrário, revelam que as percepções populares têm muito a dialogar com a Análise do Discurso.

### **Algumas considerações e um convite para novos diálogos**

Este artigo fez uma análise não exaustiva dos enunciados traduzidos pela página do Instagram *Greengo Dictionary*, um instigante arcabouço de percepções sobre a língua(gem) inserido no campo da Linguística Popular. Estabelecendo um diálogo entre a Linguística *Folk* e a Análise do Dialógica do Discurso, compreendemos como o processo de Carnavalização que transforma o verbete em meme autoriza e populariza a

veiculação de ideologias silenciadas, contribuindo para uma (re)elaboração do real. Ademais, refletimos sobre o jogo de forças centrífugas e centrípetas que atravessam a metalinguagem do verbete, desestabilizando e legitimando estruturas de poder. Finalmente, se “esvaziar a polêmica, é acabar com a democracia”, observamos diversas tentativas de inserção do dicionário em um debate com forças autoritárias.

Como fonte de dados da Linguística Popular, ainda há muito a ser investigado sobre as percepções fornecidas pela página *Greengo Dictionary* sobre as línguas inglesa e portuguesa. Não compreendemos aqui todas as categorias de expressões traduzidas, não refletimos sobre o olhar exotópico que a tradução nos fornece sobre a nossa cultura ou sequer nos debruçamos sobre as contribuições que os verbetes oferecem para o estudo de língua inglesa como língua estrangeira para brasileiros ou vice-versa. Porém, tais diálogos podem ser futuramente somados às relações dialógicas que aqui se estabeleceram.

Enfim, a partir desses diálogos entre linguistas profanos e cientistas defendemos que uma abordagem integracionista entre a Linguística Popular e a Análise do Discurso pode contribuir significativamente para a compreensão da língua em uso. O saber epilinguístico do enunciador popular não anula a necessidade de um estudo linguístico rigoroso. Contudo, pode beneficiá-lo ao fornecer as percepções dos falantes reais, bem como colocar em foco suas preocupações sobre a língua. Outrossim, a popularização desse dicionário ainda revela que a língua é sim de interesse público, mas que é preciso auscultar o quê e como as vozes não autorizadas falam sobre ela.

## Referências

ACHARD-BAYLE, Guy; PAVEAU, Marie-Anne. Linguística popular – a Linguística ‘fora do Templo’: definição, geografia e dimensões. **Fórum Linguistic**. Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4257-4270, out./dez. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARONAS, Roberto Leiser; CONTI, Tamires Bonani. Notas sobre a Possibilidade de um Trabalho no carrefour epistemológico entre a Linguística Popular e os Estudos do Discurso. **Fórum Linguistic**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4285-4294, out/dez 2019.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In*. BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

DIA D: por que o 6 de junho de 1944 mudou a história da humanidade. **BBC News Brasil**. Brasil, 05 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48526108#:~:text=O%20que%20foi%20o%20Dia,da%20Europa%20ocupada%20pelos%20nazistas>. Acesso em: 17 fev. 2021.

DISCINI, Norma. Carnavalização. *In*. BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

EMOJI. *In*. CAMBRIDGE Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/emoji>. Acesso em: 22 jan 2021.

ENTRE Likes: Greengo Dictionary é sucesso nas redes com traduções divertidas da vida brasileira. **UOL**. São Paulo, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/play/videos/2020/09/22/entre-likes-greengo-dictionary-matheus-diniz.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 21 jan. 2021.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. *In*. BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

GRINGO. *In*. DICIO: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gringo/>. Acesso em 22 jan. 2021.

HASHTAG. *In*. DICIO: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hashtag/>. Acesso em 22 jan. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística?** São Paulo: Brasiliense, 2009.

PAVEAU, Marie-Anne. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. **Policromias**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 21-45, dez 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: Por uma política prudente e propositiva. *In*. LACOSTE; Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 135 – 159.

SEXTOU. *In*. DICIO: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sextou/>. Acesso em 22 jan. 2021.

VIRALIZAR. *In*. DICIO: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/viralizar/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin; BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico da Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018.